



HAL
open science

Ambiências e controvérsias: dois métodos complementares para melhorar a comunicação do risco
Cintia Okamura, Jacques Lolive, Patrick Romieu, Jean-Paul Thibaud, Nicolas Tixier

► **To cite this version:**

Cintia Okamura, Jacques Lolive, Patrick Romieu, Jean-Paul Thibaud, Nicolas Tixier. *Ambiências e controvérsias: dois métodos complementares para melhorar a comunicação do risco*. ICUR2016, Jun 2016, Lisbonne, Portugal. hal-01518312

HAL Id: hal-01518312

<https://hal.science/hal-01518312v1>

Submitted on 5 May 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Ambiências e controvérsias: dois métodos complementares para melhorar a comunicação do risco

Ambiances and controversies : two complementary methods to improve risk communication

Cintia OKAMURA¹, Jacques LOLIVE², Patrick ROMIEU³, Jean-Paul THIBAUD⁴, Nicolas TIXIER⁵

¹CETESB, São Paulo, Brasil, cintiaokamura@hotmail.com

²PACTE, Grenoble, França, jacques.lolive@umrpacte.fr

³ CRESSON, Grenoble, França, romieu.p@wanadoo.fr

⁴ CRESSON, Grenoble, França, jpthibaud1@gmail.com

⁵ CRESSON, Grenoble, França, Nicolas.Tixier@grenoble.archi.fr

Resumo: O presente artigo apresenta uma pesquisa em andamento, uma colaboração pluridisciplinar entre a CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) e as equipes francesas Territoire (UMR 5194 PACTE) e CRESSON (UMR 1563 Ambiances). A pesquisa tem como objetivo experimentar diferentes métodos qualitativos para implementar uma comunicação participativa do risco junto às populações que vivem em áreas de risco da Região Metropolitana de São Paulo. O Condomínio Residencial Barão de Mauá, área selecionada para este estudo, se constitui em um verdadeiro laboratório para estudar uma situação de risco de contaminação do solo e das águas subterrâneas. Neste contexto, nossa contribuição implementa duas abordagens complementares e articuladas: a abordagem das controvérsias que atualiza as posições e a lógica dos vários atores envolvidos nessa situação de risco; e a abordagem das ambiências de risco que descreve a experiência dos moradores. A análise das controvérsias pode ser usada como um instrumento metodológico para compreender como se constituem os novos problemas públicos nos quais os riscos emergentes são um exemplo emblemático. Ela irá analisar os atores mobilizados, os argumentos que são trocados, os objetos que circulam e se transformam, os acordos que se constituem e se dissolvem, para identificar os aspectos mais importantes e analisar os bloqueios. Em relação à abordagem das ambiências, um trabalho de imersão antropológica de uma equipe de pesquisa franco-brasileira foi realizado em Barão de Mauá. Um dispositivo de investigação original foi implementado para desenvolver uma etnografia sensível desse ambiente contaminado. A hipótese deste estudo é que uma ambiência de risco se manifesta nas percepções sensíveis, nos traços materiais e nos traços da memória, nos gestos cotidianos, nas palavras do dia a dia, nas tonalidades afetivas, nas paisagens singulares e nas maneiras de estar juntos. Ambas as abordagens se mostraram complementares por vários pontos de vista: na implementação de diversas escalas de tempo envolvidas na situação de risco (longa temporalidade quando se trata da história sócio-política do bairro e curta temporalidade quando se trata da experiência cotidiana dos habitantes), na articulação dos vários níveis de análise (análise da lógica dos atores e análise das experiências dos moradores). A articulação destas duas abordagens amplia o conceito de comunicação de risco pois abre espaço à percepção qualitativa do risco e à complexidade das situações de vulnerabilidade, levando a uma proposta de comunicação participativa do risco.

Abstract: Our research is based on an interdisciplinary collaboration between CETESB (Environmental Agency of the State of São Paulo), and the two research teams Territoire (UMR 5194 PACTE) and Cresson (UMR AAU 1563) in France. It aims to test various qualitative methods to implement a participative risk communication towards the populations of areas at risk of the Metropolitan Region of São Paulo. We are particularly interested in Barão de Mauá residential complex, located in the city of Mauá, 30 km from São Paulo, which is a life-size laboratory to study a situation of risk of soil and groundwater contamination. In this context, our contribution is to implement two very complementary and articulated approaches: an

approach by the controversies that updates the positions and logic of the various actors involved in this situation of risks; an approach which describes the ambiances of the condominium as close as possible to the inhabitants lived experience. The analysis of controversies can be used as a methodological tool to understand how to form new public problems emerging risks are an emblematic example. It will analyze the actors mobilized, the arguments are exchanged, the objects that circulate and are transformed, agreements that constitute and dissolve to identify the salient aspects and analyze bottlenecks. Regarding the approach within the ambiances, an anthropological immersion of a Franco-Brazilian research team was conducted for 5 days in the Barão de Mauá condominium. An original inquiry was implemented to develop a substantial sensory ethnography of this contaminated environment. The hypothesis that guided this work is that an atmosphere of risk is embodied and manifested in sensory perceptions, physical and memorial traces, daily gestures, ordinary narration, emotional tones, specific landscapes, and ways of being together. Both approaches proved very complementary to various points of view: in the implementation of various time scales involved in the situation of risk (long temporality when it falls within the socio-political history of the area and short when we focus on the daily experience of the inhabitants), in the articulation of the various levels of analysis involved (actors logical analysis and experiments inhabitants). The articulation of these two approaches broadens the concept of risk communication in giving all due importance to the qualitative perception of risk, complexity vulnerable situations and leading to a proposal for participatory risk communication.

Palavras-chave: comunicação participativa do risco, ambiências de risco, análise das controvérsias, políticas públicas, áreas contaminadas.

Keywords: participative risk communication, risk ambiances, analysis of controversies, public policies, contaminated areas.

1. Por uma cultura sensível do risco

Esta pesquisa se inscreve em um duplo programa de cooperação: do lado francês, o projeto CNRS PEPS Interdisciplinar FaiDoRA "*Faibles Doses, Risques, Alertes*" (CRESSON-UMR AAU, França); e do lado brasileiro, o projeto FAPESP "Da Comunicação de Riscos à Cultura de Risco" (CETESB, Brasil). Ela implementa uma colaboração pluridisciplinar entre a equipe CRESSON (UMR 1563 AAU) especializada na temática das ambiências (Augoyard, 1998) e nos ambientes sensíveis, a CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) que é responsável pela gestão dos territórios de risco e vem se questionando sobre como considerar os aspectos sociais de tais espaços habitados, e a equipe Territoire (UMR 5194 PACTE) que desenvolve uma abordagem sócio-política dos territórios de risco. A pesquisa propõe investigar uma área de risco articulando uma abordagem sensível dos modos de habitar e uma abordagem em termos de políticas públicas, ou seja, trata-se de considerar a experiência sensível de uma área de risco (abordagem das ambiências) e relacioná-la com a sua história social, ambiental e política (abordagem das controvérsias).

O campo de estudo escolhido é o condomínio residencial Barão de Mauá, instalado na cidade de Mauá, no estado de São Paulo, Brasil. O Condomínio, situado a 30 km da cidade de São Paulo, possui 72 prédios sendo que em 54 deles vivem aproximadamente 1760 famílias de classe média baixa e os outros 18 prédios foram embargados. Durante os anos de 1972 a 1993, o terreno que pertencia à uma fábrica de amortecedores foi utilizado para deposição clandestina e ilegal de lixo industrial, predominantemente areias de fundição. Como não havia controle da área pelos proprietários, outras substâncias tóxicas, de origem desconhecida, foram ali sendo depositadas inadequadamente. Desta forma, o condomínio foi construído em uma área contaminada por compostos orgânicos e inorgânicos, alguns deles voláteis, entre eles o metano, benzeno, clorobenzeno, trimetilbelzeno e decano. A consciência da contaminação veio à tona quando ocorreu uma explosão, provavelmente causada por metano, em abril de 2000, durante a manutenção de uma bomba em um dos reservatórios de água subterrâneos instalados no condomínio, que matou um trabalhador e queimou gravemente outro. Desde então, os processos judiciais estão em curso, mas se arrastam, e os moradores do condomínio estão expostos a um duplo risco: de contaminação por agentes cancerígenos e pela ameaça de uma nova explosão devido ao metano.

Para estudar a complexidade das experiências e dos problemas decorrentes desse território, partimos da hipótese de que um ambiente de risco se encarna em ambiências específicas e se presta à manifestações sensíveis que podem ser documentadas através de um dispositivo metodológico adequado. Desta forma, tratava-se, então, de investigar as modalidades das manifestações da sensibilidade do habitante aos riscos, de se perguntar o que poderia ser uma cultura sensível de risco e de colocar em dia as questões e as consequências sócio-políticas da vulnerabilidade cotidiana de um tal ambiente de vida. A abordagem, portanto, se apoiava na ideia de ambiência de risco e nas formas de envolvimento dos moradores no que diz respeito a esse problema público.

2. Da Controvérsia à investigação *in situ*

Um trabalho de investigação foi realizado em Barão de Mauá, em junho de 2015, tendo como procedimento tanto a abordagem das controvérsias como das ambiências de risco. Ambas as abordagens têm se mostrado bastante complementares e interligadas. A primeira abordagem permitiu compreender as questões dessa área contaminada reconstruindo a sua história e a sua vida pública, recuperando todos os atores envolvidos na controvérsia e contextualizando o trabalho de investigação *in situ*. A segunda abordagem permitiu o acesso à experiência sensível cotidiana dos moradores, à forma como um território de risco é vivido a partir do seu interior e como esse território mobiliza seus habitantes, o modo pelo qual as ambiências permitem sentir um tal território de risco.

A controvérsia é uma situação problemática em que há uma superposição de incerteza científica, de estratégias conflitantes das partes interessadas e com uma forte mobilização social. Ela se caracteriza pela ausência de consenso sobre a definição da realidade. A análise de controvérsias (Latour 1994) pode ser usada como uma ferramenta metodológica para se compreender como se constituem os novos problemas públicos nos quais as áreas contaminadas são um bom exemplo. Trata-se de uma descrição minuciosa, com especial atenção para não tomar partido na controvérsia em questão, mas de elaborar um panorama (atores, posições, argumentos, estratégias, instrumentos, desenvolvimentos), identificar aspectos significativos e analisar os pontos de bloqueio.

A abordagem das ambiências de risco se concretizou por meio de uma investigação de cinco dias, envolvendo um coletivo de treze pesquisadores, na qual procurou-se documentar com a maior precisão possível a experiência difusa de riscos de contaminação em Barão de Mauá. Uma etnografia sensível foi desenvolvida se posicionando o mais próximo possível das situações vividas pelos moradores. Podemos caracterizar o dispositivo de investigação (Grosjean e Thibaud, 2001) como imerso, plural, coletivo e interativo: imerso pois recorreu a uma investigação *in situ*, dentro do complexo residencial Barão de Mauá; plural, porque se apoiou em uma diversidade de abordagens (observações etnográficas, explorações percorrendo o local, reativações sensoriais, reuniões em grupo, falas dos habitantes, escutas flutuantes e gravações sonoras, caminhadas aleatórias, observações fotográficas, diário de campo compartilhado, restituição da investigação junto aos moradores); coletivo, porque o trabalho criou uma dinâmica interna de compartilhamento entre os pesquisadores e com os moradores; interativa porque operou um ir e vir entre os dados recolhidos e as análises em curso com as restituições junto aos moradores e outros atores da cidade.

3. As primeiras impressões compartilhadas

A ambiência do local se mostrou ao mesmo tempo rica e complexa. Logo de início, na chegada ao condomínio, os pesquisadores, em especial os franceses, não partilharam a mesma experiência do Brasil, de São Paulo ou ainda, do idioma português. No entanto, é notável destacar a semelhança de tom das primeiras impressões bem como as sínteses finais de cada um dos pesquisadores. A atenção *flutuante* elaborada em forma de descritivo dominante, as caminhadas aleatórias, a prioridade dada a um conhecimento primeiro do tipo sensorial, certamente contribuíram para a instalação de uma coerência forte dos afetos teóricos advindos da imersão no condomínio. Uma tomada de contato forte com o local

parece ter marcado todos os pesquisadores. De acordo com a lógica do condomínio, o efeito de limite é prático - barreira e controle na entrada dos indivíduos - e simbólico.

A experiência espacial parece ter se fundado sobre uma percepção de uma descontinuidade tanto visual como auditiva – assim, é notável constatar que o espaço sonoro aparece muito mais facilmente em repetições de eco secos em vez de uma reverberação envolvente – e a disparidade do solo distribuído entre uma terra acolhedora ao passo e os diferentes estigmas técnicos referentes ao acidente primordial. Da mesma forma, o aspecto de fortaleza ou castelo-forte dado ao condomínio orientou as representações de uma certa resistência do lugar em relação ao seu entorno, enquanto a experiência sensorial atestou preferencialmente para uma forte ligação do local aos horizontes perceptíveis, tanto visuais como olfativos, evocando espaços intermediários altamente indiferentes e ao final pouco elásticos.

Uma fronteira na borda do condomínio é descrito por todos, colorindo a barreira visual das chaminés industriais do polo petroquímico, do qual podemos facilmente transpor os odores de fumaça química no miasma próprio do site. Da mesma forma, todos os pesquisadores observam o "peso do céu", que não permite visualizar as aves que no entanto estavam presentes pelo seu cantarolar, mas também apreendemos por meio da investigação, que eles certamente se alimentam dos frutos contaminados. Este mesmo céu se mostra muito circulado por aviões a baixa altitude, contribuindo assim para a ambiência pesada que faz consenso. Enfim, além dos detalhes de consenso para uma renderização final deve ser especialmente notado uma partilha entre todos os ritmos da descoberta e da cristalização dos afetos teóricos.

4. Controvérsias em Barão de Mauá

A análise de controvérsias permitiu reconstituir a história complexa do condomínio Barão de Mauá, sua vida pública, com alguns acontecimentos-fortes, que transformaram a percepção dos moradores e fizeram evoluir a controvérsia.

Em 1995, a fábrica de amortecedores vende seu terreno à Cooperativa Habitacional para a construção de um Condomínio. Segundo uma moradora: *“Todo mundo sabia que havia resíduos... o hospital, a fábrica, as outras empresas, todo mundo depositava lixo aqui..”*. Esse evento provocará mais tarde uma indignação dos moradores, um sentimento de falta de respeito das instituições para com os moradores.

Em 20 de abril de 2000: uma explosão ocorre no condomínio, vitimando fatalmente um operário. Esse evento dramático é um evento fundador que provoca pânico entre os moradores. Foi *um trauma real*, particularmente para aqueles que assistiram a cena. Outros agora vivem com medo de uma possível explosão.

Em agosto de 2001: A Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo chamou a imprensa e também os nove síndicos do condomínio a fim de comunicar os resultados do primeiro estudo sobre as causas da explosão. A reunião com a imprensa aconteceu às 10 horas, o encontro com os síndicos às 11h. Essa primeira reunião pública provoca um sentimento de injustiça entre os moradores. Segundo o depoimento de um deles *“Fomos informados após os jornalistas enquanto nós somos os principais concernidos”*. Os moradores são informados pela imprensa de uma forma sensacionalista *“as 52 substâncias cancerígenas, Chernobyl do Brasil”*. Esse acontecimento reforça a ansiedade dos moradores já assustados com a explosão.

Em 26 setembro de 2006, a juíza do 3º tribunal civil de Mauá determinou a indenização dos moradores e a demolição dos 72 blocos do condomínio. Em setembro de 2007, o Promotor de Meio Ambiente de Mauá pediu a suspensão do processo e fez um TAC - Termo de Ajustamento de Conduta com a fábrica de amortecedores para que ela apresentasse um plano de recuperação ambiental. Esta evolução da posição da justiça causa decepção e raiva dos moradores.

A análise de controvérsia busca descrever a posição de cada um dos atores sociais (administração pública, empresas, políticos, comunidade mobilizada, etc.). Cada um propõe sua própria solução de acordo com a sua visão do problema, porém, sem dialogar com outros atores. Para os moradores mobilizados, a solução é a indenização para reparar a falta de respeito do qual eles foram objeto. Por outro lado, para os nossos interlocutores do Ministério Público, apenas uma decisão final da justiça poderá colocar fim ao conflito que

alimenta a raiva da população. Para o departamento de áreas contaminadas da agência responsável pela gestão dos territórios de risco, a solução é um bom plano de comunicação de risco que poderá restabelecer a confiança dos moradores. Para a administração da Saúde, o uso da metodologia epidemiológica de origem americana ATSDR (Agency for Toxic Substances and Disease Registry) pode contribuir para resolver o problema da exposição da população ao benzeno. Se cada instituição defende uma posição diferente, é porque cada uma define a sua ação no seu próprio campo de intervenção e porque cada uma define as suas prioridades de acordo com as imperfeições de sua própria ação.

Esta gestão errática do risco pode ser interpretada como um processo de aprendizagem coletiva não dirigido porque ninguém realmente sabia como lidar com esta nova situação, ninguém tinha uma estratégia real. Esta aprendizagem das instituições teve um resultado positivo, ou seja, a percepção de que é necessário mudar radicalmente a prática de cada um, especialmente a concepção de comunicação de riscos, e que as instituições não conseguirão melhorar a situação se contentando apenas com o plano de remediação que está sendo implementado pela empresa contratada para tal (a partir de 2014), que visa a descontaminação do local. O processo é demasiado longo se nos colocarmos do ponto de vista dos moradores que estão expostos ao risco há 20 anos e considerando que esta situação é conhecida pelos responsáveis há pelo menos 15 anos.

5. Pregnâncias do sensível: visão, olfato, silêncio

Após a análise das controvérsias, a investigação *in situ* se interessou pelas ambiências de Barão de Mauá e suas pregnancies sensíveis. A este respeito, três aspectos principais surgiram, em termos visual, olfativo e sonoro.

No que se refere ao visual, espalhados em várias partes do condomínio, encontramos edifícios inacabados, construções fantasmas sem portas e janelas, mostrando escombros em estado bruto, cinzentos, com etiquetas e abandonados. Particularmente significativo e preocupante - evocando um território em guerra ou pós-catástrofe – esta imagem define o tom para todo o condomínio, contribui fortemente com o imaginário e faz lembrar constantemente a situação de risco em que os moradores vivem (Figura 1).



Figura 1 – Construções Fantasmas

No que diz respeito ao nível olfativo, um odor difuso emerge, mais em alguns lugares do que em outros, ao que parece, mesmo que seja difícil de identificar e delimitar áreas específicas a este respeito. Segundo os moradores, a pregnancy desse odor varia significativamente dependendo do clima. O odor é mais perceptível quando chove; também quando faz calor, quando a fumaça sobe do chão e os cheiros se distribuem de forma mais uniforme. Enquanto os edifícios fantasmas suscitam uma experiência de impacto imediato, esta presença de odor indistinto, onipresente e indefinido se infiltra clandestinamente, lentamente ao longo do tempo. Ela nunca deixa de questionar e de manter os moradores em uma hipervigilância mais ou menos inquietante: trata-se de odor de metano, gás que causou a explosão que ocorreu em 2000, ou então, trata-se do odor de benzeno, o índice de contaminação, ou ambos ao mesmo tempo, ou uma mistura de tudo isso e os odores do complexo petroquímico nas proximidades?

No que se refere ao aspecto sonoro, muitas pessoas mantêm na memória a explosão de 2000, de modo que quando elas ouvem um barulho repentino ou um som impactante, elas não podem deixar de pensar sobre a possibilidade de uma outra explosão. Um estado de vigilância auditiva perdura, como se a população manteve-se atenta a um provável futuro acidente. Além disso, um silêncio enigmático reina em todo o condomínio. Podemos ouvir, principalmente, o estacionar dos carros e por vezes o ruído do trabalho da empresa contratada para a remediação que ressoa forte. Após a investigação e a escuta atenta, constata-se a pouca presença sonora dos moradores, da vida e da animação humana. É como se o espaço sonoro do condomínio fosse inconsistente, ritimado pelo exterior (bairro muito animado bem em frente), pelos sons difusos da cidade à distância (ruído da via principal e do complexo petroquímico) e pelo ruído de fundo muito baixo. Como se os sons do interior do condomínio realmente não conseguissem ser ouvidos, ou pelo menos não conseguiram criar uma ambiência própria.

6. Um bairro em suspenso

A explosão de metano que revelou - ou pelo menos tornou público - o problema da contaminação do solo foi um evento comum e cataclísmico para todo o condomínio, ponto de partida de um colocar em suspenso, estagnar, o desenvolvimento do mesmo. Se o passado é comum aos moradores (condomínio completamente novo, as datas de instalação das pessoas), também são comuns o presente e o futuro. Um presente comum: o condomínio não está evoluindo e o problema está lá, sempre lá. Mas também um futuro comum: ou melhor, a ausência de um futuro possível, entre situações pessoais bloqueadas e a necessidade de aguardar para possíveis compensações e/ou fortes ações de remediação.

Um lugar suspenso. O condomínio está localizado em uma colina, isolado dos outros bairros por meio de encostas bastante íngremes, delimitadas por pequenos córregos e distanciado por uma franja vegetal e uma passagem de um oleoduto. Fortaleza vista a partir de baixo. Embora seja verdade que um condomínio funciona primeiramente como moradia, as atividades como circulação e a vida comercial, escola, esportes, artesanato, estão no exterior. O horizonte visual, mas também o horizonte luminoso da noite e o horizonte sonoro testemunham o contraste com uma vida mais intensa ao redor. A formação do metano que precisa ser extraído continuamente do solo, os resíduos enterrados, mostram uma parte inferior (solo) e essa parte inferior pode ser perigosa. Prova disso são os *playgrounds* para as crianças que foram construídos a 1 metro e 50 centímetros acima do solo.

Um futuro suspenso. O futuro parece suspenso, suspenso primeiramente a uma explosão, sem dúvida pouco provável, mas ainda possível. Mas são sobretudo suspensas as informações sobre os resultados dos levantamentos e avaliações com a revelação do nível de contaminação que exija a remoção das pessoas ou um possível resultado das análises epidemiológicas mostrando uma infecção por uma contaminação difusa. Os moradores suspenderam o seu próprio futuro ao futuro desse lugar, o que torna difícil as decisões corriqueiras de todas as trajetórias de vida (partir, alugar, vender, comprar, renovar) - quase todos aguardam os resultados dos estudos em curso, das decisões judiciais, das compensações possíveis e do tratamento do risco de forma mais satisfatória. Enquanto isso, não há projeto possível para o desenvolvimento do condomínio: não há um espaço comum, embora desejado, não há possibilidade de instalação de telhados para os estacionamentos externos, porque qualquer nova fundação é arriscada. É igualmente difícil iniciar qualquer renovação dos edifícios, e até mesmo demolir ou transformar o que está parado e há muito tempo abandonado.

Uma temporalidade suspensa. Coexistem lado a lado, edifícios com fachadas desbotadas, outros em concreto e blocos de concreto aparente, prédios abandonados, e outros, mais raros, pintados, dando uma aparência de novo. Encontramos no mesmo espaço edifícios habitados e próximo à eles, a futura ruína desses mesmos edifícios. No condomínio, o diferente não está na tipologia dos edifícios, eles são todos exatamente os mesmos (para além da cor e orientação), mas no estado construído onde todas as temporalidades coexistem produzindo um efeito estranho de espelho temporal.

Desde a paralização das construções, o condomínio não mais se renovou, nem pela sua estrutura nem pelos seus habitantes. Poucas coisas estão mudando, com exceção de uma e de forma bem viva, as

crianças, somente elas verdadeiramente dão ritmo à vida diária por meio da utilização dos espaços exteriores e são as únicas a mostrar o tempo longo que passa: nascem, crescem e partem ...

Os pés dos prédios do condomínio são feitos de espaços verdes colocados para olhar e muito pouco para o uso, com plantas muito bem podadas, algumas colocadas em vasos ao lado de animais de plástico e de bancos brancos em ferro forjados decorativos. A ocupação é estática, imitada por esses elementos imóveis. Índices de *Home sweet home*, o gramado está bem conservado e as estações do ano são representadas nos corredores dos edifícios com flores artificiais em vaso, na maior parte flores em pintura e quadros coloridos. O conjunto contrasta fortemente com a natureza em torno do condomínio.

Se o passado, presente e futuro são agora comuns a todos os moradores, a vida ainda está lá. Uma solidariedade, mistura de uma ligação a um estar em casa coletivo, das ações públicas empreendidas em conjunto, desenvolveu-se entre os habitantes. Se a área do condomínio não tem espaço público, nem espaço coletivo, ele estabeleceu pontos de encontro, de debates e de intercâmbios: os estacionamentos, o espaço em torno dos portões da entrada, o alojamento dos zeladores, os corredores dos edifícios. Depois de cinco dias de encontros, percebemos nas falas das pessoas um possível re-encantamento do lugar, independente do interminável tempo de espera pela remediação ou pela compensação.

7. Expressão coletiva dos afetos

Um contexto afetivo carregado acompanhou a pesquisa em toda a sua progressão. A conexão dos moradores ao seu projeto de moradia inicial, o acidente fundador e revelador da extensão da contaminação, a longa batalha judicial que se eterniza, um sentimento de profunda de injustiça, tudo isso contribui para a pregnância de um clima imponente e cheio de afetos. O workshop de reativação fotográfica que aconteceu na quinta-feira, 04 de junho de 2015, propôs um conjunto fotográfico do local (26 fotografias escolhidas pela equipe de pesquisa) para os moradores, a fim de servir de base para estimular uma discussão. A reunião se transformou em uma reunião pública e foi muito difícil ter uma troca com os moradores com o corpus proposto. Essa sessão se constituiu em um verdadeiro ponto alto da investigação, tanto a raiva como o desespero dos moradores face a essa situação dolorosa e bloqueada, foram manifestados com força. Parece que o trabalho de remediação ativa a memória "*Agora, que eles começam a cavar, a nossa memória começa a surgir ... Quando vemos as pessoas fazendo buracos no chão, quando eles vêm aqui, então tudo volta à memória, especialmente a memória do medo que tínhamos.*"

As queixas se constituem, primeiramente, a expressão pública de uma vulnerabilidade quando os participantes falam sobre o seu sofrimento: o trauma "*daqueles que viram a pessoa queimada, nu, sem cabeça*"; "*o sonho (de viver aqui) que se transforma em um pesadelo*", o terror de viver no condomínio "*com esses monstros que parecem prestes a explodir a qualquer momento*"; a estigmatização da qual eles são objetos "*Somente nós estamos nos tornando vítimas hoje. De sonhadores nos nos tornamos vítimas ... Agora, nós nos tornamos ainda pior. Então, quando as pessoas nos olham: "olha, olha lá: Há um fantasma*". E quando eles lembram das doenças ligadas à contaminação, as crianças que podem ter câncer, os vizinhos doentes que se vão, os testes epidemiológicos e essa característica difusa da contaminação.

Outras emoções têm uma tonalidade mais política. A expressão das emoções em público é por vezes ligada a uma avaliação moral e as emoções podem então se constituir no impulso para uma mobilização. Este é o caso quando os moradores mencionam a falta de respeito (desrespeito) por parte das instituições "*E para colocar isso daí na cabeça do poder público só tem uma solução: dar cinco centavos para cada um, ir na farmácia comprar cinco centavos de vergonha na cara. Porque aqui, os moradores não são lixo. É um ser humano. E aqui, os caras tratam a gente como lixo*". Quando ele experimentam a indignação: "*Mas era a minha indignação com relação ao desrespeito com as pessoas, entendeu? É o desrespeito... Todo mundo sabia que aqui era um lixo. A prefeitura deixou. A prefeitura deu habite-se. A prefeitura deu isso, deu aquilo. Sabe? Todo mundo é envolvido. E tiraram a prefeitura do rolo, entendeu?*". Durante as duas sessões do workshop, as emoções sustentam as críticas às instituições, particularmente à agência responsável pela gestão dos territórios de risco que desapontou as expectativas que as pessoas tinham em relação à ela. A equipe de pesquisadores foi questionada e criticada com veemência, porque alguns dos membros da equipe fazem parte dessa agência.

Assim, a reativação fotográfica tornou-se a expressão de queixa e reivindicações, uma espécie de passagem obrigatória para que os moradores, uma vez apaziguados, pudessem participar das duas oficinas de som que tiveram lugar nas salas adjacentes. A investigação sonora e as propostas de escuta coletiva revelou a ambivalência de pessoas divididas entre a raiva e o profundo desejo de re-encantamento. Assim, a proposta de um grito coletivo apresentado como um modo de saudar compartilhado entre investigadores e moradores foi recebida primeiro com curiosidade e com um certo receio de fazer barulho - como se os riscos de contaminação barulhento e mágico agissem como um lembrete do ruído catastrófico originário - receio que rapidamente deu lugar à perspectiva de um gesto libertador e produtivo. Embora os participantes não fossem numerosos, a produção de um espaço sonoro pela voz gritando e fracamente projetado sobre as paredes por causa da distância, foi certamente responsável por um breve momento: o desejo intenso de uma possível forma de futuro.

8. O futuro de um espaço contaminado

Ambas as abordagens - controvérsias e ambiências - têm sido muito complementares de vários pontos de vista: na implementação de várias temporalidades envolvidas na situação de risco (temporalidade longa quando ela revela a história sócio-política do bairro e curta quando ela se interessa pela experiência cotidiana dos moradores) na articulação dos vários níveis de análise envolvidos (análise das lógicas dos atores e as experiências dos moradores). Encontramos esta complementaridade nos resultados da análise: as duas abordagens revelam a existência de duas realidades incomensuráveis: o mundo da política pública relativamente fechada sobre si mesma, em que as ações setoriais das instituições colidem umas com as outras, sem que hajam verdadeiras trocas e desejo de cooperação; e o mundo vivido pelos moradores que estão divididos entre a consciência do risco e a aspiração de voltar a uma vida normal, entre a aflição causada por uma situação dolorosa e bloqueada e a esperança por melhores condições de vida.

Esta colisão de duas realidades diferentes nos permite compreender melhor as dificuldades do condomínio. Por exemplo, porque os moradores não aderem espontaneamente ao projeto de remediação que parecia ser a solução para algumas das instituições. Para começar a melhorar a situação, propomos conectar os dois mundos para implementar uma gestão de risco participativa e de parceria em Barão de Mauá. As duas sessões de restituição que organizamos separadamente com os moradores e as instituições têm permitido legitimar a percepção de risco dos moradores e reforçar a consciência dos limites organizacionais sem culpar os atores. Esta primeira sensibilização com base nos resultados desta pesquisa, serviu como uma alavanca para constituir um novo dispositivo de participação composto de dois fóruns complementares que são chamados a trabalhar juntos, um composto por moradores do condomínio e outro por diferentes instituições concernidas. A análise do funcionamento desse dispositivo será objeto de uma comunicação complementar neste mesmo congresso, *Desafios para uma comunicação de risco participativa: emoções, incerteza e confiança*.

Assim, a articulação destas duas abordagens ampliou a noção de comunicação de risco, dando a devida importância à percepção qualitativa do risco, à complexidade das situações de vulnerabilidade e levando a uma proposta de comunicação participativa de risco que "*inclui o público como um agente colaborador*", segundo a bela expressão de Covello e Sandman (2001).

Referências Bibliográficas

- Augoyard J.-F., (1998), *Éléments pour une théorie des ambiances architecturales et urbaines*, Cahiers de la Recherche Architecturale, N042-43, PUF, automne, p. 13-23
- Covello V. and Sandman P.M. (2001). Risk communication: Evolution and Revolution in Wolbarst A. (ed.), *Solutions to an Environment in Peril*, Baltimore: John Hopkins University Press, 164–178.
- Grosjean M. e Thibaud J.P (2001). *L'espace urbain en méthodes*, Parenthèses, Marseille, France.
- Latour B. (1994), « Esquisse d'un parlement des choses », *Écologie politique*, n° 10, Paris, été 1994, p. 97-117.